

O próprio Marx, quando se quedava no  
(Continua na 2.<sup>a</sup> página)



MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

O chefe da C. G. T. italiana aproxima-se dos bandos fascistas

D'Aragona, «leader» da C. G. T. reformista da Itália, foi entrevistado pelo redactor dum jornal fascista.

No decurso da entrevista fez ele saber a Mussolini que a C. G. T. estava sempre à sua disposição, colocando-se ao lado do poder, qualquer que ele fosse.

Eis as suas próprias palavras reproduzidas na *Epoca*, de Roma:

«Até agora os sindicatos agiram fora do Estado, mesmo contra o Estado; agora convém fazê-los agir na mesma direcção que o Estado, e que eles se ponham à sua disposição, sendo necessário. Estou, pois, de acordo, em princípio, com as reformas propostas pelos fascistas.»

Acêrca duma aproximação entre as massas sindicais na C. G. T. e os fascistas, limitou-se a declarar que não discute a sinceridade destes, mas que não vê, pelo momento, no proletariado disposições favoráveis para esta aproximação.

Concluiu dizendo que espera com serenidade e sem prejuízos as reformas constitucionais fascistas.

Esta linguagem dum dos chefes da C. G. T. amsterdiana não deve causar surpresa, porque, nas vésperas do assassinato de Matteotti, Mussolini tinha entrado em negociações com este organismo, a fim de provar à burguesia que o proletariado estava domesticado, e desejava tomar parte no poder.

Matteotti, apesar de reformista, revoltou-se contra esta colaboração, e foi por isso que os bandoleiros da camisa negra decidiram aniquilá-lo.

Mas passado um ano sobre a sua morte, d'Aragona volta aos seus primitivos amores sem se preocupar com o sangue generoso que o fascismo tem feito correr na Itália durante estes últimos cinco anos.

É preciso não esquecer que é com estes biltres, aderentes à Internacional de Amsterdão, que os partidários da I. S. V. tanto desejam fazer a unidade sindical, enquanto por outro lado lançam as maiores calúnias sobre os militares sinceros da Associação Internacional dos Trabalhadores.

ACREDITA:

A fraqueza geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só têm um inimigo poderoso

**A NUCLEO CALCINA**  
TÔNICO ENERGICO  
ESSENCIALMENTE  
Usado por indivíduos  
pelos nossos primeiros  
médicos  
Superior a todas as misturas nacionais e estrangeiras  
LABORATORIOS DO SARMATIA SARMATIA  
Praça dos Restauradores, 18 LISBOA

As festas do Estoril  
começam hoje com a abertura da  
exposição de automóveis

Como temos noticiado começam hoje com a abertura da exposição de automóveis, os grandiosos festejos que se vão realizar no Parque do Estoril, promovidos pela comissão que chamou a si o encargo de dotar aquele incomparável rincão da nossa terra com os melhoramentos materiais indispensáveis. Assistirão ao acto inaugural da exposição representantes do governo e altas autoridades civis e militares, associações comerciais, vereadores não só da Câmara de Lisboa como dos concelhos limítrofes e outras individualidades de destaque social. Tocará no Parque, durante a tarde, a esplendida banda da G. N. R. À noite haverá deslumbrante iluminação.

Amanhã ginkana infantil, seguida de baile, e à noite, às 22 horas precisas, fogo de artifício a cargo dos afamados pirotécnicos de Viana do Castelo srs. Silva & Filhos. O Parque e todos os sumptuosos edifícios estarão feticamente iluminados.

No dia 5 de Outubro realiza-se o *Circo do Estoril*, em bicicletas, num percurso de 100 quilómetros, no qual tomam parte os nossos melhores corredores. O itinerário desta prova, que está despertando grande interesse e entusiasmo, é o seguinte:

Esta volta, que é de 25 quilómetros, será feita quatro vezes, perfazendo 100 quilómetros. Os corredores passam quatro vezes por dentro do Parque Estoril, podendo o público seguir a prova e a situação dos corredores. Os prémios são: uma taça de prata para o Club do vencedor; uma taça de prata para o Club da *equipe* vencedora (três corredores), uma medalha de ouro ao vencedor e quatro medalhas de «vermelho» para os que chegarem em 2.º, 3.º, 4.º e 5.º lugares. A inscrição está aberta nas sedes da União Velocípica Portuguesa e do Grupo Sportivo de Carcavelos.

No dia 11 de Outubro, no hall do estabelecimento termal, realiza-se um torneio de espada. Nêle se apresentarão os nossos melhores esgrimistas. Esta prova também está despertando grande entusiasmo nas nossas salas de armas e obedecerá ao novo regulamento, com *handicap* e a eliminar. Os prémios constam de uma linda taça de prata para o vencedor e medalhas de ouro para os finalistas. Os concorrentes no acto da inscrição, que está aberta na sala de armas Carlos Gonçalves, devem declarar por escrito a sua categoria.

A Sociedade Estoril, a começar de amanhã e em quanto durarem os festejos, organizará, além dos combóios ordinários, os que forem necessários para facilitar ao público a sua ida e o seu regresso. Para regresso haverá, além de outros se forem precisos, um combóio à uma hora e 10 minutos e outro às duas horas e 10 minutos da madrugada. A entrada no Parque, em todos os dias de diversões, foi fixada em 2550, tendo todas as crianças até aos 10 anos entrada livre.

**TEATRO APOLO**  
Empresaria Luis  
Ruas, Limit.  
HOJE, 26 [Tel. R. 4129]  
o sensacional drama  
**O Conde de Monte Cristo**  
Nos principais papeis: Ida Stichini  
e Rafael Marques

O CONGRESSO CONFEDERAL, (IV NACIONAL OPERARIO)

(Continuação da 1.ª página)

terreno doutrinário, admitia a verdade que nós enunciamos aqui.

Hoje, julgamos acaul o nosso sindicalismo e as suas ideias que já expozemos, chamando-nos anarquistas. Tanto pior para aquele que for anti-anarquista!

Há um provérbio francês que diz: «Quem quer matar o seu cão diz que ele está danado!» Todos os inimigos da Liberdade e da Razão, qualificaram de *Anarquismo*, em todas as épocas da Humanidade, tudo o que representasse uma ideia menos reaccionária relativamente à época.

O nosso sindicalismo operário não tem necessidade de se pôr em concorrência com outros adjectivos, mas não receia, ele, que é anti-autoritário, ser chamado anarquista. Não é isso que o fará recuar!

Aquele que nega Deus que lhe importa que o chamem anti-religioso ou ateu? O que sobretudo lhe interessa é servir bem a Verdade e de não ter nada de comum com aqueles que vivem e servem a mentira da religião—embora fosse uma religião protestante.

Sim é necessário procurar a substância na palavra, pois eu bem me lembro que vou lembrar-vos que, se algumas vezes para intimidar os operários o melhor e enganá-los, se procura chamar anarquista a tudo o que diz e o que faz, há mesmo vezes em que sempre para os enganar, se procura encobrir com uma aparência revolucionária ou mesmo de anarquismo o que é exactamente o contrário do anarquismo e da revolução.

Não se lembram do dia em que, em nome da revolução e mesmo da anarquia, se pregava a necessidade da intervenção na guerra?

Recorda-se uma frase de Millerand

Pronunciámos esta palavra: a guerra! Começamos por isto. Houve por acaso Internacionalismo após a morte da primeira? Não! Ouve ideias internacionalistas, movimentos locais, mártires, pensadores inspirados nesta ideia. Foram os restos da I. Internacional que, espalhados pelo mundo, deitaram a semente que devia dar origem ao movimento sindicalista de diversos países. Mas eu repito-o: como nós não tínhamos Internacionalismo, a Internacional, pois, não existia! Sim, havia um «bureau» que se chamava a II. Internacional, mas não queriam nada conosco e no fundo eles tinham razão.

Há uma frase histórica num dos congressos desta chamada Internacional. Em Londres, 1896, um senhor que se chama Millerand, proclamava, aplaudido por toda a gente, que com os anarquistas (Millerand também chamava anarquistas, isto é, danados, aos delegados do movimento operário de acção directa) não queria ter nem mesmo um contacto físico. Este senhor no entanto teve contactos físicos e financeiros com todos os carrascos do proletariado.

Sim, nós obtivemos a honra de não ter participado neste lugar imundo que se chamava a II. Internacional Socialista e que trazia atrás de si, como as senhoras trazem os cães de luxo, a chamada Internacional Sindical, cuja sede era em Berlim, para melhor servir o Kaiser.

Ah! Como foi ingrato este período glorioso, que o foi com efeito, nesse momento, para nós o momento glorioso da nossa autonomia, e durante o qual só nós não possuímos Internacional!

Cada central sindicalista revolucionária, onde a havia, estava separada das outras. Era o período de ouro para os políticos que podiam bater-nos separadamente, que podiam proclamar o monopólio da Internacional. Não, nós não repetiremos esta tolice que já expiamos amargamente, deixando o caminho livre a uma suposta Internacional, que apenas a guerra foi proclamada se transformou numa fábrica de ministros e de servidores da guerra, cada um ao serviço do seu governo.

Era esta a lógica desta Internacional envenenada com a ideia do Estado. E este em certos momentos da história tem exigências militares e guerreiras que são o resultado lógico de toda a sua política... pacífica em períodos de paz.

E' pois escolher, examinar, para não sermos vítimas de aparências enganadoras.

O Sindicalismo Revolucionário depois da guerra

Depois da guerra faz-se aos proletários e aos revolucionários a seguinte pergunta: Como recomeçar, com quem e de que maneira a luta revolucionária, que não podia conceber-se de outra maneira senão com uma amplitude internacional?

Os acontecimentos tinham mudado, mudado muito a situação e as relações das diversas tendências operárias. A política da guerra que não foi sempre limitada aos países beligerantes, tinha enfraquecido os sindicatos da ex-internacional.

A oposição à guerra, dos sindicatos revolucionários sempre nos países beligerantes e neutros, e imediatamente após a guerra a luta da vanguarda dos sindicatos revolucionários, tinha reforçado as suas posições *vis-à-vis* do proletariado.

O sindicalismo retomara forças numa parte da Europa que até aí era quasi ignorada: o Norte da Europa, a Alemanha, Suécia, Noruega e Holanda. Nos outros países: Itália, Espanha, Portugal e América do Sul, onde sempre tivemos um forte movimento, a nossa situação ainda era melhor, e até na Argentina, Uruguai, México, Chile, etc., a única central sindicalista existente era aderente à I. I. T.

Na Rússia a revolução mostrara-nos forças e tendências sindicalistas revolucionárias assás pronunciadas, como há na China, na Índia e no Japão, reveladas pelos últimos acontecimentos operários.

O nosso reforço numérico e o despertar da nossa capacidade de iniciativa, obrigavam-nos a retirar internacionalmente as nossas forças. Por outro lado os políticos faziam a mesma coisa *vis-à-vis* as suas forças: Daí saiu a Internacional de Amsterdão.

Poderíamos nós examinar, se examinarmos a questão da nossa filiação a esta suposta Internacional? Nós nem podemos pensar nisso. Fizem-nos esta objecção: «No entanto vocês teriam servido a causa da Unidade.» Sim, mas que unidade?

Amsterdão já realizara uma unidade: a unidade com a burguesia, pois os seus programas, as suas iniciativas, os seus precedentes e a sua actividade estavam absolutamente sob esta política do trabalho que surgira do tratado de Versailes. Exemplos: a Liga das Nações, o Bureau Internacional do Trabalho, etc.

Vejam o esmagamento do movimento revolucionário na Alemanha, onde se pode afirmar com toda a certeza que sem a acção dos homens que tinham os sindicatos sob uma espécie de feudo senhorial, os «crases», a derrocada que fez abater a monarquia, não teria salvo o capitalismo e ter-se-ia desenvolvido na revolução social.

Nós não podíamos enganar-nos, mesmo perante o facto de Amsterdão ter a adesão de certas centrais sindicais, muitas vezes

milionárias, sob o ponto de vista de aderentes e de dinheiro, pois nós não podíamos esquecer que desde 1914 estas potencias numericas tinham servido, justamente, a causa, contrária à do proletariado.

Os actuais socialistas estão tão próximos do Socialismo como os católicos da Idade Média do cristão primitivo

Houve o período evangelico, depois o teologico e de organização, a seguir tivemos o período realizador e das suas realizações goteja o sangue do proletariado.

Estamos muito longe dos precursores, desses homens que mesmo que embora autoritários, ainda não se tendo emporcalhado com o contacto do poder, tinham ainda alguma espiritualidade socialista.

Agora os chefes socialistas passaram e tornaram a passar pelo poder e tornaram-se os homens de confiança dos reis, dos imperadores ou nas repúblicas destes vicereis que são os banqueiros e os comerciantes.

Estudaram em cada capital da Europa os planos de operações militares, ao lado dos generais e dos grandes marechais, para esmagar no sangue as tentativas de revolta dos operários.

Pecam agora a estes homens para vos falar de socialismo.

Preguem agora a estes homens o que significa a unidade operária. E estes homens tornaram-se poderosos, não tanto como deputados ou chefes de partido, mas sobretudo como gente capaz de manobrar os sindicatos nos seus países. Se não fosse assim a burguesia não teria tido interesse em se servir deles. Encontram-se próximos do socialismo, como os católicos da Idade-Média estavam próximos dos cristãos dos 3 primeiros seculos.

O que os nossos precursores e as nossas ideias herétricas tinham previsto, verificou-se depois: A autoridade matou o Socialismo e agora nós podemos ver um Congresso Internacional socialista em Marselha (Internacional, caros amigos, não riam!) onde os «leaders» se apresentaram, não com os seus títulos de advogados, médicos, etc., mas sim com os de chanceleres, ministros, ex-ministros, futuros ministros, senadores, etc.

Alguns deles tinham sido operários, transformados em «Grandes Cavaleiros da Burguesia» com a ajuda dessa escada de ouro que para eles foi os sindicatos. Eis o que é Amsterdão!

E nos países onde isso não chegou em nome da Democracia, interviu mais tarde em nome da Ditadura, o que ainda mais não admirou, porque esta reacção vinha contra um movimento revolucionário no qual tínhamos posto grandes esperanças, na medida mesmo do seu desenvolvimento inicial, e no qual os nossos camaradas tiveram um papel importante.

A. I. T. tem três anos, mas a sua doutrina tem sessenta

Nós não perderemos pois o nosso tempo para discutir aqui as tolices que se escrevem a propósito da nossa critica à política do Estado russo e dos partidos comunistas que em toda a Europa e America estão encarregados de aplicar as manifestações políticas que Moscovia elabora.

Nós somos e continuamos a ser os defensores da Revolução russa. Tomamos a nossa conta todos os pretendidos excessos desta nobre revolta dum povo esmagado durante inumeros seculos pela autocracia. Nós reivindicamos hoje, como ontem, esta revolução como uma coisa que nos pertence, seja na sua 1.ª fase anti-czarista, seja na 2.ª fase anti-Kensianska.

Tudo isso foi obra do proletariado e de todos os revolucionários, e não é contra a Revolução russa que a A. I. T. apparece, mas pode dizer-se que foi em volta dela que germinou.

Com efeito as nossas primeiras reuniões foram feitas primeiramente na Rússia e é justamente por causa de termos tomado conhecimento directo da situação que nós constatámos que o espirito estatista e autoritário dos bolchevistas difere pouco do dos socialistas democratas, não podia concordar com o espirito libertário e devia forçosamente trabalhar para a derrota dos resultados da revolução.

A. I. T. tem três anos de vida mas pode-se dizer que tem 60 anos, desde os dias que a I.ª Internacional gritou ao mundo estupefacto esta verdade: «que a liberdade do trabalho só se poderia realizar suprimindo a autoridade do Capital e a autoridade do Estado».

Dizem que somos fracos. Sim não somos fortes em mentiras! e nós não somos fortes com a força que um governo nos ceder. Oh! se nós tivéssemos por detrás de nós, à nossa frente, ao nosso lado, à luz ou em coberto, um único governo interessado em amplificar a nossa voz, que dizer um governo podendo pensar servir-se de nós, hoje, amanhã ou depois, se não houvesse pelo contrário a certeza em todas as camadas da burguesia e em todas as formas de Estado, que em nós só conhece inimigos, podem ter a certeza que não faltaria em algumas cidades da Europa ou da America, um grupo de financeiros que bem desejaria, no seu jornal, ou nos seus jornais, fazer um reclame espaventoso à A. I. T. e talvez, nesse momento, acreditassem que somos uma potência formidável.

Isto seria a nossa força aparente e a nossa fraqueza certa. Nós que somos os principais artífices desta A. I. T. nós proclamamos muito satisfeitos com a obra produzida. E se ainda não a tivéssemos construído, construí-la-hiamos hoje, ao constarmos que aqui, por exemplo, existe uma força que vive do seu trabalho e não da mentira, e cuja força é superior ao que teríamos podido imaginar.

Sim há países onde nós somos muito fracos: Na Rússia onde não podemos publicar um jornal, na Espanha e na Italia, onde fomos esmagados pela reacção, por causa de termos cumprido o nosso dever revolucionário!

A. I. T. não transformou num farrapo a divisa dos trabalhadores

Certamente isso não acontecerá aos sujeitos de Amsterdão, se os de Moscovia são, também, como movimento politico, perseguidos nalguns países (e no que diz respeito a este ponto saudamos-os como camaradas) nós não podemos esquecer que conservamos sempre uma superioridade sobre eles e a de não sermos perseguidores de outros revolucionários!

Na confusão geral que há nos cérebros e nas fileiras, no mundo proletário, no ridículo em que os politicos fazem cair o tra-

balhador, ao qual fazem representar papeis de palhaço que divertem o seu governo, há um ponto fixo, luminoso o qual podemos olhar como os marítimos olham, no nevoeiro e na tempestade, a bussola para se orientarem e não ser vítimas dos elementos: Este ponto é a A. I. T., é a única que não tomou por um farrapo de papel a divisa: «A emancipação dos trabalhadores será a obra dos próprios trabalhadores».

Eis os proletariados, manejados pelos politicos, empurrados dum governo para outro, sempre traídos, e sempre prontos a servir de carne de canhão com o seu consentimento, em proveito dos imperialistas, mesmo daqueles que estão envolvidos na branca capa da Sociedade das Nações.

Vejam por exemplo o democratismo francês a fazer-nos presente duma nova guerrasinha em Marrocos. Vejam o imperialismo inglês no Egipto, China e Índias que oprime «fascisticamente» os proletários colonizados. Vejam a aliança dos Estados, na aparência os mais contraditórios: Painlevé, Primo de Rivera, Trotsky e Mussolini.

Os politicos da Europa tornam-se pois «souteneurs» que partilham com a burguesia os proveitos destes crimes.

Em presença desta confusão a A. I. T. tem ideias precisas: contra todas as reacções e contra o fascismo, mas sem nenhum governo, embora elle pretenda ser o porta bandeira da Liberdade; reclamar a liberdade politica como um direito de herança que nos vem, não de um governo, mas das revoluções precedentes.

Contra a ditadura, mesmo que ela se diga socialista dos bolchevistas, e neste caso, sem dar crédito um só minuto aos supostos anti-ditadores da burguesia: Sindicalismo de classe, revolucionários. Sobre tudo, porque nenhum deles visa ao golpe politico que lhes pode trazer o poder, e que nunca resolvem a questão social.

Revolucionários porque eles realizam conquistas numa direcção que separa o Estado do proletariado.

Luta contra os partidos, porque estão são predeterminados a lutar contra nós e portanto, sem esquecer que todo o movimento mesmo exterior ao sindicato, que trabalha na transformação social, fora do Estado e da autoridade, isto são movimentos irmãos e devem ser irmãos amigos.

Eis, não ordens, nem dogmas, mas as ideias que no final poderemos sempre examinar, sempre fraternalmente.

O discurso de Armando Borghi foi entrecortado de fortes aplausos. Ao terminar o congresso dispensou-lhe uma carinhosa manifestação, entoando os congressistas «A Internacional» e sendo erguidos muitos vivas à A. I. T., C. G. T., e organização operária.

O presidente antes de encerrar a sessão mandou ler os seguintes telegramas de saudação: Secretariado da A. I. T., da Central dos Trabalhadores da Suécia, Federação Anarquista da Região Portuguesa, S. Ferroviário da C. P., S. Conservas de Cascais, A. Construção Civil de Cascais, A. Corticeiros do Seixal, Manufactureiros de Calçado de Lisboa, jornal «Aurora». A sessão foi suspensa às 19,15 horas.

Gonzalez, delegado da C. N. T. fala ao operariado português

SANTARÉM, 25.—Reabre a sessão às 21 horas e 15 minutos, procedendo-se em seguida à chamada à qual responderam todos os delegados.

Finda a mesma é dada a palavra ao camarada Gonzalez, da C. N. T. de Espanha, que é recebido pela assembleia com uma salva de palmas. Depois diz:

«Camaradas portugueses, camaradas da Ibéria. Sinto não poder falar bem em português, para poder fazer-me compreender melhor pelos trabalhadores meus amigos que aqui estão presentes; no entanto procurarei expressar-me em espanhol de forma que todos possam apreender com facilidade o que eu venho dizer.

«Falarei com calma, com muita calma, embora o peso esmagador de dois anos de infame silêncio que sufoca a Espanha e os seus trabalhadores, tivessem desculpado em parte, qualquer frase ou movimento indignado.

«Vou aproveitar a tribuna livre dos trabalhadores portugueses, para erguer a minha voz contra a ditadura espanhola, afinal não é só militar, como muitos julgam, mas também e quasi essencialmente, clerical e capitalista!

«Estou falando num país onde a ditadura ainda não se impoz. Os trabalhadores portugueses ignoram certamente a infame repressão que se tem feito sobre todos os operários espanhóis e sobre os mais simples militantes da C. N. T.

O orador refere-se em seguida à situação dos governos espanhóis antes da ditadura, no tempo em que a Confederação englobava no seu seio 1 milhão de trabalhadores espanhóis, manuais e do cérebro.

Gonzalez recorda várias greves, como por exemplo a dos empregados bancários, tendo a burguesia espanhola tido a ocasião, nessa época, de sentir o valor das massas trabalhadoras espanholas.

Em seguida lembra uma série innumera de factos passados durante a guerra, demonstrando que a atitude da burguesia foi sempre das mais vis e vergonhosas. Refere-se aos assassinatos cometidos durante bastante tempo, assassinatos de que a reacção espanhola foi a única culpada.

Para demonstrar bem a atmosfera em que se vivia nesse tempo no país visinho, diz que era do domínio publico que a policia colocava bombas em vários sítios para poder acusar os sindicalistas. Essa mesma policia assassinava os camaradas espanhóis à porta das oficinas. Enfim a reacção imperava impunemente e ninguém podia calcular as infâmias que se cometeram nesse momento. Só se falava em sangue, só se via sangue, o sangue dos operários espanhóis.

E o que faziam durante esse tempo os liberais? E os intelectuais?

Nada! Todos esses «caudilhos» do progresso ficaram de braços cruzados.

A reacção, a situação especial em que se encontrava mergulhada a Espanha naquele tempo, matou a sensibilidade espanhola.

Os socialistas espanhóis amigos da ditadura

Foi neste ambiente, e só assim, que os generais derrotados em Marrocos e que fizeram correr rios de sangue do proletariado espanhol, conseguiram fazer a linda obra que hoje podemos presenciar, sem que a Espanha se revoltasse em peso.

Nesse tempo e pelas causas apontadas não havia opinião publica. Só com um ambiente destes foi possível uma mudança de regime.

Hoje a situação é gravíssima em Barcelona. Os sindicatos estão proibidos nesta cidade. No resto da Catalunha também muito poucos há. Nas Astúrias e na Galiza a organização é um pouco mais forte, mas a repressão também ali se faz sentir tragicamente.

No entanto, na mesma época, dava-se um estranho fenómeno: os socialistas em vez de serem diminuidos numericamente as suas forças, viam-nas aumentar.

O orador, explica as razões de ser deste fenómeno, cobarde e vergonhoso dos socialistas perante a ditadura. Afirma além disso que a burguesia dos outros países ajudou os socialistas de Espanha.

E o orador exclama com energia:

«Quando veio a ditadura, este partido não se opôs a nenhum dos seus actos antes teve com eles uma cumplicidade criminosa!»

Gonzalez continua a demonstrar o vergonhoso papel do partido socialista espanhol na vida politica do país visinho e afirma que as «forças vivas» também têm a vida económica da Espanha nas suas mãos.

Todos conspiram em Espanha contra o Directório. Não existe um partido republicano e os liberais estão desacreditados e desunidos. Mas todos têm a plena certeza de que a única força que poderá salvar a Espanha e com a qual conta o povo visinho, é a C. N. T.

Faz, em seguida, um relato assás interessante da história das relações internacionais da C. N. T. desde a sua adesão à III. Internacional até à sua situação actual.

O orador nota, em seguida, a diferença existente entre a ditadura italiana e a espanhola.

A primeira feita num momento critico após a guerra, devido, sobretudo à crise de trabalho e às condições especiais em que a Itália vivia nesse momento, permitia que se formassem as milicias nacionais que dão à primeira vista a impressão de terem sido feitas pelo povo, em virtude desse movimento se ter efectuado de baixo para cima. O movimento fascista em Itália foi unicamente devido ao medo do perigo comunista.

Em Espanha pelo contrario esse movimento foi feito de cima. Após o desastre de Annual aqueles que tinham postos os empregos chorados a conservar trataram de fazer a ditadura.

Os militares, também quando viram que as suas responsabilidades no abismo em que a Espanha tinha caído eram muitas, e que o povo começava a preparar-se para pedir contas a quem as devia prestar, fizeram a reacção: Foi assim que o Directório appareceu.

Hoje—continua o orador—os camponeses de Espanha começam a erguer a cabeça, pois eles sabem muito bem que nada têm a esperar da situação actual. E ali! dos burgueses espanhóis no dia em que os camponeses se lembrarem de reclamar os seus direitos adquiridos há mais de 4 séculos e de que agora os usurpam trancamente!

O orador não quer terminar sem lembrar ao povo português o movimento da União Sindical Italiana, que é a única que se tem erguido e combatido Mussolini.

Soltam-se vivas à U. Sindical Italiana, C. N. T. espanhola, povo espanhol, à A. B. talha, C. G. T., etc., sendo o orador muito aplaudido.

Os trabalhos do Congresso e o discurso de Armando Borghi vão ser editados em folheto

Seguiu-se-lhe imediatamente a discussão do capítulo 7.º, que foi interrompida para os dois delegados estrangeiros, Borghi e Gonzalez, falarem.

Santos Júnior manda para a mesa o seguinte documento:

«O I. Congresso Confederal, ao receber as efusivas e comoventes saudações dos delegados da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha, resolve retribuir-lhas em nome dos trabalhadores portugueses, manifestando o seu ardente desejo para que dentro do mais curto espaço de tempo consigam destruir essa negrada ditadura rivierista que o amoradua, para o que podem contar com a nossa solidariedade.»

Silvinho Noronha, em aditamento, propõe para que a doutrina do documento anterior seja extensiva a U. S. Italiana. Aprovado. Saúl de Sousa apresenta a seguinte proposta também assinada por Artur Vale:

«Propomos que a C. G. T. edite um folheto com o discurso do camarada Armando Borghi preferido neste Congresso sobre as Internacionais.»

Santos Arranha completa a proposta com esultar:

Que seja editado em livro todos os trabalhos do Congresso, incluindo os discursos dos delegados estrangeiros. Aprovado.

Santos Ivo apresenta a seguinte moção de ordem:

«Atendendo a que as relações internacionais não demonstram dia a dia a necessidade imperiosa de se cultivar o Esperanto no meio dos sindicatos afectos ao Sindicalismo Revolucionário, habilitando-nos, assim, a estreitar as relações tão indispensáveis para a marcha final da unificação das classes operárias universais;

A delegacia da União Ferroviária requer por intermédio dos seus delegados ao Congresso:

Que os congressistas presentes, aliados à boa vontade da Confederação Geral do Trabalho, cultivem com insistência o Esperanto em todos os sindicatos que representam.»

Santos Arranha aproveita o uso da palavra e refere-se à Conferência de Evora entre as duas centrais de Espanha e Portugal.

Diz que aquela reunião foi duma importância grande para o problema de organização do operariado dos dois países. Nela foram estudadas as possibilidades da constituição da Confederação Ibérica do Trabalho, estudo que não pôde ter sequência em virtude de motivos vários, entre os quais se encontra a prisão dos delegados portugueses em Sevilha. Sobre relações ibéricas, manifesta-se em desacôrdo com Gonzalez, pois se entre as duas organizações da península tivesse havido um melhor entendimento a situação do operariado espanhol, em face da ditadura militar poderia ter sido suavizada. Termina jactanciosamente que se aproveitou do trabalho feito o que de mais útil elle continha para o movimento operário luso-espanhol.

António Tomás, que assistiu a vários trabalhos que se antederam à reunião de Evora e por isso conhecedor dos seus meandros, estranha que o relatório seja tão laconico sobre aquele acontecimento, quando da sua larga divulgação muito aproveitaria o conhecimento geral. Embora veja que o assunto é melindroso, não reconhece perigo na publicação de alguns casos omissos no capítulo.

João de Sousa é de igual opinião. Compreende o sigilo na altura daquela reunião. Hoje não tem igual opinião, atendendo a que o perigo está conjurado. O valor daquela Conferência exigia mais desenvoltura dos seus resultados.

M. J. de Sousa considera melindroso tratar publicamente o assunto. Há segredos de organização que não podem ser divulgados: E por assim ser abstem-se de tratar o caso!

Notas & Comentários

O movimento macnovista

«Edições Spartacus» que tem trazido a público uma série interessante de livros, alguns deles acentuadamente socialistas, acaba agora de editar A história do movimento macnovista. Neste livro importantissimo para o esclarecimento do que se tem passado na Rússia bolchevista em torno do movimento libertário, traça-se com grande imparcialidade, pela pena eloquente de P. Archinoff, a figura grandiosa do revolucionário Macno, que tanta popularidade alcançou entre os camponeses e que com grande energia soube repeller os ataques traiçoeiros dirigidos à Revolução Russa por alguns generais reaccionários vendidos ao capitalismo internacional. A história do movimento macnovista é um livro recomendado aos estudiosos porque esclarece muitas passagens até hoje obscuras da Revolução Russa.

**TIVOLI**  
TEL. N. 5471  
As 8 3/4  
**A NOVELA DUM COLEGIAL O JOGUE DO DESTINO**

ASSINEM Os mistérios do Povo

**EDEN THEATRO**  
TELEF. N. 3800  
Soc. Commercial de Teatros, Limit.  
Direcção artistica de Henrique Santana  
Hoje em 2 sessões As 8 3/4 E 10 3/4  
A graciosissima revista  
**Frei Tomás**  
Números novos  
Novo quadro de esfusiente gargalhada  
**Mercado de Donzelas**  
O Fado do Cambalacho. A Festa dos Mercados e O Varredor Municipal  
Espectáculos verdadeiramente populares

embora fosse um dos elementos. Requer, em seguida, que seja dado por discutido o assunto com prejuizo dos oradores inscritos. Aprovado.

Manuel Nunes, depois de a justificar, manda para a mesa a seguinte proposta:

«O Congresso, onvidas as exposições sobre o capítulo «Relações Internacionais», resolve:

Fazer baixar o assunto ao futuro Conselho Confederal que o estudará, e junto com a C. N. T. procurará estreitar as relações entre o proletariado dos dois países e possivelmente criar a Confederação Ibérica do Trabalho.»

Passou-se depois à votação do capítulo e desta proposta. Ambos foram aprovados por



## MARCO POSTAL

Cabeção—Associação dos Trabalhadores Rurais e Manuel Marques Coelho—Recebemos vales na importância de 9000 cada, para pagamento da Renovação que ficou paga até 30 do corrente.

Coimbra—Armando Mendes. A todas as perguntas que nos fez na sua 1.ª carta e repetidas em 2.ª, já lhe respondemos para a direcção indicada há bastantes dias. O jornal está cortado em Lisboa e só é dirigido para Coimbra. Agradecemos a sua atenção. Informe-se pela creatura para quem a carta foi dirigida se a recebeu ou não. Caso a não tivesse recebido, diga-nos para lhe respondermos novamente.

New Bedford—J. F. Barbas—Recebemos e agradecemos os novos assinantes para a Renovação, bem como o cheque para pagamento das assinaturas.

## Agenda de A BATALHA

## CALENDARIO DE SETEMBRO

S.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
S.																															
D.																															
S.																															
T.																															
Q.																															
Q.																															

## MARES DE HOJE

Fraimair às 8,44 e às 9,28  
Baixamar às 1,34 e às 2,14

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		96500
Madrid, cheque		2886
Paris, cheque		594
Suica, cheque		3883
Bruxelas, cheque		887
New-York, cheque		19585
Amsterdão, cheque		7598
Itália, cheque		881
Brasil, cheque		2876
Praga, cheque		559
Suécia, cheque		5534
Austria, cheque		2880
Berlim, cheque		4573

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

Politeama—A's 21,30—O Leão da Estrela.  
Realte—A's 21,15—A Galderia.  
Cine—A's 20,45 e 22,45—Frei Tomás ou o Mistério da Rua Saravia de Carvalhos.  
Marta Vitória—A's 20,30 e 22,30—«Ritaplano».  
Salão 307—Animatógrafo e Variedades.  
Jurema—A's 21,30—«Almôço e a Cidades».  
«O Iluminado» (A Graça)—A's 20,30—Animatógrafo.  
Fênix—A's 20,30—«A's 20,30—Concertos e lições».

## CINEMAS

Olimpia—Chão Terrase—Salão Central—Cinema Conde—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Pro-Moção de Educação Popular—Cine Paris—Cine Berço—Chantier—Tivoli—Tortoise.

## Lê o Suplemento de «A Batalha»

## PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metálicos, assim como todos os outros, metálicos, tubos, molas, chumbeiros de 2 e 3 peças, lâmpadas. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 53 e quiosque. Dirigidos para Francisco Pereira Lata e a casa que fornece em melhores condições.

## LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas nacionais são de primeira qualidade e rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do mundo. Experimente, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todas as boas estabelecimentos de ferragem do país.

## A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA

## SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora . . . . . 3000  
Sapatos em verniz . . . . . 3800  
Botas pretas (grande salto) . . . . . 4800  
Botas brancas (grande salto) . . . . . 4800  
Grande salto de botas pretas . . . . . 4800  
Botas de couro para homem . . . . . 4800

Não confunda a SOCIAL OPERARIA com outra casa.  
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato. A Social Operaria é a rua dos Cavaleiros, 18-20, com filial na mesma rua, n.º 68.

## FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento  
**GOARMON & C.ª**  
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19  
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

## FOTOGRAVURA

## TRICROMIA

## ZINCOGRAFIA

## DESENHO

## GRANDE PREMIO

## RIO DE JANEIRO 1908

## GRANDE PREMIO E

## MEDALHA DE OURO

## LISBOA 1913

## PREMIO DE HONRA

## LEIPZIG 1914

## OFICINA FOTOMECANICA

## Largo do Conde Barão 49

## LISBOA

## TELEFONE

## 2554

## C

## CALÇADO BARATO

## SÓ VENDE

## O

## CANDEIAS

## Intendente

## Calçado Homem

## Calçado Senhora

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

## Botas de vitela

**Valério, Lopes & Ferreira, L.ª**  
FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,  
louça esmaltada, parafusos, fun-  
dos para cadeiras,  
— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas,  
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

24, R. DO AMPARO, 86—LISBOA— TELEF. 3930, N. GRAMAS, FERRAGENS

**Biblioteca de Instrução Profissional**

Manuais de ofícios

Construção Civil

Materiais de construção

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 440 páginas, encadernado em percalina. . . . . 20\$00

Terraplenagens e alicerces

Estudo sobre terraplenagens, isto é, sobre os movimentos da terra, escavações, aterros, transporte, preços. Reconhecimento de terreno por meio de pesquisas e sondagens, diversos sistemas de fundações, drenagens. Descrição geral dos andaimes e esquadramentos empregados nas construções. Elementos orçamentais, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina. . . . . 13\$00

Trabalhos de Carpintaria Civil

Descrição de ferramentas. Estudo de sabiagens, máquinas, aplicação das madeiras nas construções civis, vigamento de sobrados, madeiramento dos telhados, cálculos, construções ligeiras de madeira, portas, janelas, escadas, lambrais, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 385 páginas, encadernado em percalina. . . . . 16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas

Descrição dos diferentes tipos de máquinas e de caldeiras de vapor; seu funcionamento; regras gerais para a sua condução e conservação; turbinas; sua classificação e descrição, etc., por CARLOS PEDRO DA SILVA.

1 volume de cerca de 400 páginas, encadernado em percalina. . . . . 20\$00

Foguetes

Generalidades; noções gerais; combustíveis; caldeiras de vapor; superfície de aquecimento; caldeiras tubulares terrestres em arimas, de fornalha, exteriores e interiores; caldeiras aquitubulares de circulação limitada, livre, acelerada e ligeiras; acessórios de superfície de aquecimento, dos depósitos de água e de vapor e aparelhos auxiliares; combustão de líquidos de gases e de carvão pulverizado; bombas e injetores; locomotivas; condução, conservação, acidentes e avarias nas caldeiras, etc., por ANTONIO MENDES BARATA e RAUL BOAVENTURA REAL.

1 volume de 384 páginas, encadernado em percalina. . . . . 16\$00

Formador e estucador

Formação e fundição em gesso; endurecimento e bronzeamento do gesso; Material, ferramentas e utensílios para o trabalho em estuque; estufe e escoria; decorações de estuque; fabrico de massas plásticas, por JOSÉ FULLER.

1 volume de 196 páginas, encadernado em percalina. . . . . 12\$00

Fundidor

Descrição e classificação do ferro, sua fusão e maneira de vasar. Materiais para a moldação, preparação e mão de obra. Diferentes processos de moldar. Fornos diversos, sua construção e maneira de funcionar. Regras e conselhos para se poder evitar imperfeições na fundição. Ligas metálicas. Cálculo e superfícies e volumes. Cálculos de peso etc., por HENRIQUE FRANCISCO DA SILVA.

1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina. . . . . 13\$00

Piloteagem

Navegação costeira. Navegação estimada,

**Livros em Esperanto**

Angla Lingvo sen Professore

Comédia em 1 acto de *Tristan Bernard*, traduzida por Gaston Moch. 1 volume de 44 páginas. . . . . 5\$00

Aspazio

Tragédia em 5 actos de *Syventohovski* traduzido pelo dr. Leono Zamenhof. 1 volume de 157 páginas. . . . . 8\$00

La Avarulo

Comédia em 3 actos de *Molière*, tradução de Sam Meyer. 1 volume de 64 páginas. . . . . 5\$00

La Barbiro de Sevilha

Comédia em 4 actos de *Beaumarchais*, tradução de Sam Meyer. 1 volume de 64 páginas. . . . . 4\$00

Bildotabuloj

De *Thora Goldschmidt*. Excelente para conversação e para fixar palavras, com inúmeras estampas elucidativas; é indispensável. 1 volume encadernado. . . . . 15\$00

Chaves de Esperanto

Peculiaridades, absolutamente portáteis, esplêndidas como auxiliares e para propagação, conteúdo gramatical e vocabulário. . . . . 5\$00

Elektilaj Premioj

De *Henri Heine*, tradução de Friedrich Pillath. 1 volume de luxo. . . . . 2\$50

La Elementoj kaj la Fortifaro

De *Cefer*, Gramática e sintaxe em Esperanto. Muito interessante. 1 volume de 64 páginas. . . . . 5\$00

Esperanto et Croix-Rouge

De *Bayol*. Em francês e Esperanto, com a terminologia militar e de enfermagem; precioso para conferencistas militares. 1 volume. . . . . 2\$50

Enciklopedio Vortareto Esperanta

De *Verax*, com explicações em Esperanto e tradução em francês. 1 volume de 284 páginas. . . . . 10\$00

Esperantaj Poemoj

De *C. Chr. Drogendijk*. . . . . 2\$35

Esperantaj Prozaĵoj

De diversos autores. 1 volume de 246 páginas. . . . . 8\$00

Fantomo en Zúlbó

De *Kolomano Mikszath*, tradução de Eugeno Forster. . . . . 4\$00

Fatala Suldo

De *Leonel Dalsace*, obra teosófica traduzida por E. F. Cense. 1 volume de 318 páginas. . . . . 12\$00

Franklino Suzano

Novela por *Avsejko*, tradução de P. Medem. 1 volume. . . . . 3\$00

Frenezio

Dois dramas em 1 acto, original de F. Pujala-Vallés. 1 volume de 40 páginas. . . . . 3\$00

Fundamenta Krestomatio

Compilação de L. L. Zamenhof, autor do Esperanto. Exercícios, fábulas, contos, artigos sobre Esperanto, poesias, etc., livro que todo o principiante deve adquirir. 1 volume de 460 páginas. . . . . 15\$00

La Fundo de l'Mizero

De *Vladav Sierosevski*, tradução de R. Kabe. 1 volume de 88 páginas. . . . . 3\$00

Georgeo Dandin

Comédia em três actos de *Molière*, engraçadíssima. 1 volume de 52 páginas. . . . . 6\$00

Halka

Opera em 4 actos, texto de *Wolski*, tradução de Antoni Gra. . . . . 15\$00

**TODOS OS PEDIDOS de livros devem ser feitos por meio de carta registada na qual será enviada a importância respectiva, acrescida do correspondente custo do porte de correio e registro.**

Os preços de porte são os seguintes:  
Continente—Pacote até 2 quilos, cada 50 gramas, \$10. Encomendas postais, até 1 quilos, \$5\$0.  
Brasil e países da União Postal—Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 gramas.  
América do Norte—Pacotes até 5 quilos, \$5\$0.

componho por consequência a assembleia canônica encarregada de decidir irrevogavelmente acerca do grau de fé que se deve conceder a pretendida missão divina de Joana; ela é, segundo as minhas instruções secretas, declarada herética, feiticeira, possuída dum espírito mau; e, conforme os desejos deste valente Gaucourt, será queimada viva!

—Sangue de Deus!—exclamou o militar,—eu mesmo porei fogo à fogueira. Vê-la-hemos arder, essa infame serva que pretende dominar-nos!...

—Ela ainda não está assada, meu caro Gaucourt!—disse o senhor de La Trémouille.—Suponhamos que a esperança do nosso amigo bispo de Chartres aborta; suponhamos que, por qualquer fatalidade, o conselho canônico, contrariamente às instruções do nosso digno bispo, declara Joana bem e devidamente inspirada por Deus!...

—Eu respondo pelos teólogos que hei de escolher para este exame! Todos me serão inteiramente dedicados.

—Meu caro bispo, sucede muitas vezes que os soldados de que julgamos poder dispor corpo por corpo, nos fogem no momento da acção! pode suceder outro tanto com os seus peritos teólogos. Admitamos pois que o rei Carlos queira arriscar *in extremis* pôr a frente dos seus exércitos a dita Joana; e então você, Raul de Gaucourt, pode melhor do que ninguém, perder essa insolente... que só tem uma ideia fixa, fazer levantar o cerco de Orleans. E' forçoso que o senhor peça ao rei o comando da cidade de Orleans e que se resigna a servir debaixo das ordens desta rapariga!

—Que o inferno me confunda se já mais, nem que fosse só por um dia, eu recebia ordens dessa vaqueira!...

—Não se irrite desse modo, meu valente Gaucourt. Lembre-se que o grosso das tropas permaneceria debaixo do seu comando imediato. Joana dar-lhe-ia ordens, mas o senhor poderia iludi-la, transformando e alterando todos os seus planos de batalha; poderia ser moroso por cálculo na execução do movimento de tro-

pas; poderia sobretudo... manobrar de maneira que fizesse com que essa endemoninhada fosse feita prisioneira pelos ingleses. Pode, finalmente, melhor do que nós, impedir que ela ganhe a primeira batalha!

—Ao primeiro revez que ela experimente,—acrescentou o bispo de Chartres,—o seu prestigio desaparece, o entusiasmo que ela inspira se mudará em desprezo; o rubor subirá às faces de todos aqueles que se deixaram apanhar por tão grosseiro laço; a mudança de opinião acerca dessa rapariga será súbita! E se, mau grado nosso, a assembleia canônica escolhida por mim declarar Joana verdadeiramente inspirada por Deus... se o rei a põe à frente das suas tropas, a perda da primeira batalha, graças às suas hábeis manobras, meu valente Gaucourt, dará um golpe fatal nesta aventureira! Vitoriosa, todos a julgaríamos enviada por Deus! vencida, não passaria de uma enviada de Satanaz!... Proceda-se então contra ela a pretexto de heresia e feiticeira... Dependendo portanto de si, meu caro Gaucourt, fazer com que ela seja queimada viva ou feita prisioneira dos ingleses, que por certo a matarão em acto continuo...

—Efectivamente,—replicou Raul de Gaucourt com ar meditativo; aquela vaqueira ordena, suponhamos, uma sortida contra os sitiados: abaixo-se a ponte levadiça, aquela endiabrada arremeça-se seguida por alguns dos nossos... Eu dou o sinal de retirada, a minha gente apressa-se a voltar para a cidade, a ponte levanta-se... e aí temos a ribalta em poder do inimigo!...

—Podemos contar consigo, meu valente Gaucourt?

—Certamente; pois antevejo os meios, ou seja por uma falsa sortida, ou seja por outras manobras, de triunfar desta endemoninhada!

—E agora,—replicou o senhor de La Trémouille,—tenhamos toda a esperança, a nossa trama está bem urdida, as nossas redes hábilmente armadas; é impossível que essa visionária escape, quer seja de um modo, quer doutro... Enquanto a mim, podem crer que também não ficarei inactivo... E em primeiro lugar, santo

bispo, não está demonstrado que o demónio não pode possuir o corpo de uma virgem?

—Está demonstrado à evidência pelas fórmulas do exorcismo... E demais somos nós quem resolve a coisa.

—Joana diz-se donzela, visto que os seus imbecis fanáticos a denominam já *Joana a Donzela*... Ora, esta aventureira, vestida com fatos de homem, é sem dúvida alguma concubina de João Novelpont, a julgar pelo interesse que ele tem por ela; ou então será realmente casta, e nesse caso procurarei despertar a curiosidade libertina do rei, propondo-lhe que reúna um concílio de matronas... Este concílio, presidido, segundo creio, por Yolanda da Sicília, sogra do rei, teria por missão certificar-se se Joana é efectivamente virgem... Se o não for, levantar-se-ão logo contra ela as mais veementes suspeitas de impostura e de feitiçaria... Não será mais essa pretendida santa rapariga inspirada por Deus, mas sim uma audaciosa debochada, digna companheira dessas desgraçadas que seguem o exército; será vergonhosamente acoutada, em seguida expulsa, ou talvez queimada como feiticeira!...

—Admito que ela seja ribalta, replicou o bispo de Chartres, e como o senhor, estou persuadido que João de Novelpont, tão louco como está por ela, deve ser o seu amante; mas, não obstante, se por acaso ela não mentisse fazendo-se denominar *Joana a Donzela*? se solenemente fosse comprovado que ela ainda está pura, não seria isso uma grande vantagem para ela? não haveria porventura uma presunção favorável à divindade da esta prova, o campo fica mais livre às suposições... que nos é fácil de tornar odiosas... servindo-nos da calúnia.

—Essa objecção é grave,—respondeu o senhor de La Trémouille ao bispo;—contudo, supondo que esta rapariga seja casta, lembre-se qual deverá ser a sua vergonha, a ideia dum exame tão humilhante para ela! Quanto maior for a consciência da honestidade da sua vida, até agora irrepreensível, tanto mais esta criatura

será pungida, e indignada duma suspeita ultrajante para a sua honra!... Quanto mais pudor ela tiver, tanto mais se revoltará contra a impudícia dum tal verificação! há de repeli-la como uma sanguinolenta injúria e recusar aparecer perante o concílio de matronas!... Esta recusa habilmente explorada, deporá contra ela...

—A fé de soldado! a ideia é engenhosa e divertida! pois estou prevenido que o nosso debochado senhor há de querer presidir ao concílio examinador!

—Entretanto, se Joana se submete à prova e sai dela triunfante, terá uma grande vantagem sobre nós.

—Terá a mesma vantagem que teria se a julgássemos virgem debaixo de palavra... A convocação do concílio de matronas oferece-nos duas probabilidades: se Joana se submete ao vergonhoso exame, pode ser declarada ribalta...; se ela recusa a prova, essa recusa reverte contra ela!...

—Nada tenho que responder; adiro ao concílio de matronas que decidirá da virgindade de Joana.

—Agora vamos a resumir e a fixar o nosso plano de conduta: primeiramente, obter do rei a convocação do concílio de matronas que decidirá publicamente da virgindade da nossa aventureira; em segundo lugar, e no caso que ela saia triunfante nesta prova, convocar um conselho canônico encarregado de dirigir a esta rapariga, as mais subitas, as mais árduas, e as mais embaraçosas perguntas teológicas, e declarar, segundo as suas respostas, se ela é ou não inspirada por Deus. Finalmente, se este segundo exame lhe for ainda favorável, dispor as coisas de forma que ela perca a primeira batalha e seja aprisionada pelos ingleses... De qualquer maneira está perdida.

Um escudeiro de Carlos VII entra neste momento, depois de ter batido à porta da sala do conselho, e diz ao senhor de La Trémouille que o rei lhe quer falar no mesmo instante.

Carlos VII, esse gentil delfim de França, objecto do culto veemente da pobre Joana, que havia muitos dias tinha sido encerrada na torre de Coudray, Carlos





## O Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

encerrou os seus trabalhos, que decorreram com serenidade e elevação

(Do nosso enviado especial)

### 7.ª sessão

Aprova-se, com restrições, a tese «Cota de resistência»

SANTARÉM, 23.—Preside António Costa, secretariado por Eugénio Inácio e Raúl Marques de Oliveira.

Entra imediatamente em discussão a tese «A cota de resistência».

António Teixeira declara que pela sua colectividade profissional a tese foi, na generalidade, reprovada, em consequência de exemplos passados, tais como terem-se dado greves grandiosas nos diversos países perfeitamente subsidiadas por fundos de milhões de libras, dólares, escudos, para ao fim, para ao cabo, se perderem e os grevistas entregarem-se sem condições de espécie alguma.

Isto prova que os movimentos de reivindicação se se vencem mais pelo espírito revolucionário, do que pelo subsídio que os grevistas possam receber: estes encostam-se, em geral, ao auxílio e são incapazes de lutar com aquela convicção que é mister ter-se.

Alves Pereira dá várias elucidações, que o Congresso toma em consideração.

O número 1.º é aprovado.

Vergílio Moura Santos propõe a eliminação destas frases do n.º 2.º: «bem como as indispensáveis cláusulas para a formulação de reclamações, declaração de greves, subsídios a grevistas e presos, etc.».

Aprovado.

João Rodrigues Castelo alvitra para que seja eliminado também o n.º 3.º, sendo aprovado.

Terminada a ordem dos trabalhos do Congresso, Manuel Ardions declara que a Comissão nomeada para ir saudar a Conferência dos Construtores Civis, não se desempenhou ainda do mandato em consequência da mesma Conferência ainda também não ter principiado.

E feita a comunicação de que os delegados dos vendedores de jornais se retiraram em virtude de um conflito que se está dando com o chefe de vendas do *Diário de Notícias*.

Vergílio Moura Santos, em nome do seu sindicato, protesta contra o facto de haver funcionários públicos que, tendo sido gráficos, estão também acumulando esta profissão.

Igualmente protesta contra a infracção que o pessoal da Imprensa Nacional faz ao horário normal das oito horas, prejudicando assim a entrada de novos operários gráficos para o serviço que desempenham há mais de 2 anos.

João Rodrigues Castelo, em nome da mesma Associação dos Compositores Tipográficos, constata os protestos neste documento:

«Chegando ao conhecimento do Congresso que se acumulam trabalhos tipográficos e também lugares, e em especial diversos funcionários públicos assim procedem, protesta contra este facto e lembra ao futuro secretário da conveniência de se entender com os sindicatos de funcionários públicos para que tais anomalias terminem, assim como chamar a atenção dos organismos aderentes para impedir que se exerça acumulação nas respectivas especialidades gráficas».

António Teixeira, entre outras considerações de ordem moral e humanitária, condena a barbaridade que se comete em Santarém de se extinguir os animais caninos pelo estúpido processo do bôlo envenenado, à vista de toda a gente, incluindo crianças, que assim desde pequenas aprendem, com bons mestres, a perder o espírito de amor e fraternidade. Explica também que, apontando este repugnante caso a alguém do jornal *O Debate*, lhe dissera que se pensava no uso de umas varas com pontas de ferro ou aço embebidas em ácido prússico—o que, além de constituir barbaridade idêntica, é deveras perigoso para a própria população.

Jaime Tiago apresenta a seguinte saudação: «O congresso dos trabalhadores do Livro e do Jornal só dá todas as vítimas da reacção capitalista internacional».

Diversos congressistas falaram ainda sobre vários assuntos de interesse meramente corporativo, entrando-se, depois de alguns minutos de suspensão para a comissão encarregada de saudar os conferencistas construtores civis se desempenhar da sua missão, na sessão de encerramento do Congresso, cuja mesa é a seguinte: presidente, João Rodrigues Castelo; António Teixeira e Jaime Tiago, respectivamente 1.º e 2.º secretários.

Antes de encerrar-se o congresso os delegados mostram-se esperançados nos seus bons resultados.

Reaberta a sessão, a comissão acima referida dá conta do seu mandato, passando-se à eleição do futuro secretariado, cujo resultado é o que segue: Delim Pinheiro, secretário geral; António Costa e Carlos José de Sousa, secretários adjuntos; Eugénio Inácio, secretário arquivista; e tesoureiro, Raúl de Sousa.

António Costa regosija-se por que Delim Pinheiro fique no secretariado, para se pôr melhor em prática os trabalhos realizados pelo Congresso. Elogia também as qualidades de Raúl de Sousa, terminando por declarar que gostosamente aceita o cargo, na disposição de algo fazer de útil em benefício da organização gráfica.

Manuel Ardions vai convicção de que os trabalhos não ficarão apenas no papel, indo, certamente, o Conselho Inter-federal enviar todos os esforços nesse sentido.

Alves Pereira entre outras considerações, afirma que o resolvido no Congresso tem um alto valor moral, e mais elevado será se todos os delegados forem para junto dos seus organismos com a melhor vontade de trabalhar e não entregar-se ao «dulce farniente» perigoso. Por sua parte, vai animado das melhores intenções para impulsionar o progresso da indústria gráfica organizada.

António Costa, seguindo a mesma ordem

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Um gesto subserviente de alguns corticeiros de Alhos Vedros

BARREIRO, 22.—No dia 12 do corrente o industrial Gameiro, com fábrica de cortiças em Alhos Vedros, despediu o seu pessoal, com excepção de 5 quadros, que trabalham a jornal.

Argumentou aquele senhor, a justificar o seu gesto, com uma grande existência de rolhas que não lhe tem sido possível vender, dizendo que, tão depressa vendesse algumas, readmitiria os despedidos.

O pessoal é que se não conformou com as explicações dadas, manifestando-se protestos e o desejo duma parte dos despedidos de impôr que lhe fosse dado trabalho por mais oito dias, pois o despedimento se fizera sem aviso.

Ante a cobardia duma parte que, cautelosamente, se calava, foi impossível levar por diante tão justa imposição.

Passados dias, uma parte dos despedidos, os que não tinham protestado, eram convidados a retomar o trabalho com uma baixa de 4 % nos salários, e esses, então, sem respeito pela solidariedade que devem aos seus camaradas, sem respeito mesmo pela sua própria dignidade, aceitaram a aviltante proposta, deixando os restantes sem pão, quebrando-lhes um pouco a energia necessária a não se deixarem vencer pela jesuitica manobra do sr. Gameiro, que já não é a primeira vez que usa de tais processos.

E isto sucede porque o respectivo sindicato, em Alhos Vedros, não tem vida alguma, porque os corticeiros da localidade o abandonam criminosamente.

Que isto sirva de exemplo aos operários que têm em alguma conta a sua dignidade e os interesses da sua classe.—E.

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

## DEPORTAÇÕES

As famílias dos deportados procuraram ontem várias entidades, que nada resolveram ainda

As famílias dos deportados em Cabo Verde e na Guiné, procuraram ontem, em Belém, o presidente da república, tendo sido recebidas pelo secretário da presidência, sr. Jaime Athias.

Este senhor disse-lhes pouco poder fazer o presidente da república, quanto à situação dos deportados, e que, no entanto, já falara com o presidente do ministério, entidade que pode resolver o assunto.

Procurado o presidente do ministério, este disse que ia submeter o assunto à apreciação do conselho de ministros, pelo que as famílias dos deportados se foram avistar com o ministro da justiça, pois a sua opinião deve ser neste caso a de mais valor.

O ministro da justiça respondeu que a resolução do assunto dependia do presidente do ministério, nada tendo adiantado depois de lhe ter sido dito que a situação dos deportados seria apreciada em conselho de ministros.

E assim se anda há uns poucos de meses sem que as autoridades competentes se resolvam a fazer regressar à metrópole os indivíduos que, iniquamente, contra a própria lei de que se dizem defensores, deportaram.

Procurado o presidente do ministério, este disse que ia submeter o assunto à apreciação do conselho de ministros, pelo que as famílias dos deportados se foram avistar com o ministro da justiça, pois a sua opinião deve ser neste caso a de mais valor.

O ministro da justiça respondeu que a resolução do assunto dependia do presidente do ministério, nada tendo adiantado depois de lhe ter sido dito que a situação dos deportados seria apreciada em conselho de ministros.

E assim se anda há uns poucos de meses sem que as autoridades competentes se resolvam a fazer regressar à metrópole os indivíduos que, iniquamente, contra a própria lei de que se dizem defensores, deportaram.

Procurado o presidente do ministério, este disse que ia submeter o assunto à apreciação do conselho de ministros, pelo que as famílias dos deportados se foram avistar com o ministro da justiça, pois a sua opinião deve ser neste caso a de mais valor.

O ministro da justiça respondeu que a resolução do assunto dependia do presidente do ministério, nada tendo adiantado depois de lhe ter sido dito que a situação dos deportados seria apreciada em conselho de ministros.

E assim se anda há uns poucos de meses sem que as autoridades competentes se resolvam a fazer regressar à metrópole os indivíduos que, iniquamente, contra a própria lei de que se dizem defensores, deportaram.

Procurado o presidente do ministério, este disse que ia submeter o assunto à apreciação do conselho de ministros, pelo que as famílias dos deportados se foram avistar com o ministro da justiça, pois a sua opinião deve ser neste caso a de mais valor.

O ministro da justiça respondeu que a resolução do assunto dependia do presidente do ministério, nada tendo adiantado depois de lhe ter sido dito que a situação dos deportados seria apreciada em conselho de ministros.

E assim se anda há uns poucos de meses sem que as autoridades competentes se resolvam a fazer regressar à metrópole os indivíduos que, iniquamente, contra a própria lei de que se dizem defensores, deportaram.

Procurado o presidente do ministério, este disse que ia submeter o assunto à apreciação do conselho de ministros, pelo que as famílias dos deportados se foram avistar com o ministro da justiça, pois a sua opinião deve ser neste caso a de mais valor.

O ministro da justiça respondeu que a resolução do assunto dependia do presidente do ministério, nada tendo adiantado depois de lhe ter sido dito que a situação dos deportados seria apreciada em conselho de ministros.

E assim se anda há uns poucos de meses sem que as autoridades competentes se resolvam a fazer regressar à metrópole os indivíduos que, iniquamente, contra a própria lei de que se dizem defensores, deportaram.

Procurado o presidente do ministério, este disse que ia submeter o assunto à apreciação do conselho de ministros, pelo que as famílias dos deportados se foram avistar com o ministro da justiça, pois a sua opinião deve ser neste caso a de mais valor.

O ministro da justiça respondeu que a resolução do assunto dependia do presidente do ministério, nada tendo adiantado depois de lhe ter sido dito que a situação dos deportados seria apreciada em conselho de ministros.

E assim se anda há uns poucos de meses sem que as autoridades competentes se resolvam a fazer regressar à metrópole os indivíduos que, iniquamente, contra a própria lei de que se dizem defensores, deportaram.

Procurado o presidente do ministério, este disse que ia submeter o assunto à apreciação do conselho de ministros, pelo que as famílias dos deportados se foram avistar com o ministro da justiça, pois a sua opinião deve ser neste caso a de mais valor.

O ministro da justiça respondeu que a resolução do assunto dependia do presidente do ministério, nada tendo adiantado depois de lhe ter sido dito que a situação dos deportados seria apreciada em conselho de ministros.

E assim se anda há uns poucos de meses sem que as autoridades competentes se resolvam a fazer regressar à metrópole os indivíduos que, iniquamente, contra a própria lei de que se dizem defensores, deportaram.

Procurado o presidente do ministério, este disse que ia submeter o assunto à apreciação do conselho de ministros, pelo que as famílias dos deportados se foram avistar com o ministro da justiça, pois a sua opinião deve ser neste caso a de mais valor.

O ministro da justiça respondeu que a resolução do assunto dependia do presidente do ministério, nada tendo adiantado depois de lhe ter sido dito que a situação dos deportados seria apreciada em conselho de ministros.

E assim se anda há uns poucos de meses sem que as autoridades competentes se resolvam a fazer regressar à metrópole os indivíduos que, iniquamente, contra a própria lei de que se dizem defensores, deportaram.

Procurado o presidente do ministério, este disse que ia submeter o assunto à apreciação do conselho de ministros, pelo que as famílias dos deportados se foram avistar com o ministro da justiça, pois a sua opinião deve ser neste caso a de mais valor.

O ministro da justiça respondeu que a resolução do assunto dependia do presidente do ministério, nada tendo adiantado depois de lhe ter sido dito que a situação dos deportados seria apreciada em conselho de ministros.

E assim se anda há uns poucos de meses sem que as autoridades competentes se resolvam a fazer regressar à metrópole os indivíduos que, iniquamente, contra a própria lei de que se dizem defensores, deportaram.

## Assalariados do Estado

Numa entrevista ontem realizada com o ministro das Finanças confirma-se a razão dos interessados

Uma comissão composta por delegados do pessoal do Arsenal do Exército, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Arsenal da Marinha, Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, Depósito Central de Fardamentos, Exploração do Porto de Lisboa, Caminhos de Ferro do Minho e Douro, Cadeias Civis e Alfândega avistou-se anteontem com o ministro das Finanças, a quem expôs o estranho facto de algumas entidades pretendem aplicar sobre as melhorias de vencimento, conferidas para atender ao elevado custo da vida, a doutrina do art. 4.º do decreto 11-054 (duodécimos) quando, na opinião dos interessados fundamentada nas próprias disposições legais, esse critério é perfeitamente errado, sendo inconcebível.

O ministro respondeu que de facto a referida doutrina nada tinha com a situação do pessoal ali representado, acrescentando ir comunicar nesse sentido às entidades que davam a mencionada disposição uma interpretação errada, prometendo ainda enviar para o *Diário do Governo* uma esclarecedora a decreto a fim de evitar que sobre ele incidam sentidos diversos aos que realmente o determinaram.

Há 18 dias que se encontra incomunicável, na esquadra de Pampulha, Joaquim Luís Carragicho, o que constitui uma dupla e bárbara injustiça.

Nenhum preso pode estar mais de 48 horas incomunicável, nem mais de oito dias sem culpa formada, e Carragicho está há 18 dias sujeito ao torturante regime da incomunicabilidade. Se porventura já tivesse culpa formada teria de ser entregue a juízo.

Nada disto se passou ainda, estando portanto aquele preso numa situação que, além do que tem de desumana, é ilegal.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

## AS GREVES

A do Anuário Comercial ficou ontem solucionada

Ficou ontem solucionada, com honra para as partes litigantes, o conflito há dias aberto entre o pessoal gráfico do Anuário Comercial e o seu director delegado, que ordenara o despedimento de quatro operários que o restante pessoal considerava necessários ao serviço.

O pessoal retomou hoje o trabalho convencido de que não houve má fé da parte daquele senhor e que ele satisfará o compromisso tomado com a direcção das associações de aceitar ao serviço na devida oportunidade os operários que agora dispensa com a alegação de medida de ordem puramente económica. O pessoal resolveu prestar solidariedade monetária aos seus camaradas desocupados.

Profissionais da Imprensa—Consequiu, por intermédio do sócio Belo Redondo, mais duas importantes regalias para os seus associados: o sr. António Martins Coelho, proprietário da «Pensão Fonseca», de Gouveia, resolveu conceder o desconto de 20 % em todas as despesas feitas na sua casa aos profissionais da imprensa que se apresentem munidos do respectivo bilhete de identidade, fazendo também igual concessão o sr. Arnaldo Hortas, proprietário da «garagem» Hortas, da mesma vila.

Comissão Mista P. O. S. do Alto do Pina—Reuniu-se, tendo resolvido realizar duas sessões na próxima semana, sendo a primeira na terça-feira, na qual será apreciada a situação dos deportados, e a segunda na sexta-feira, de propaganda sindical. Estas sessões realizam-se na secção da C. Civil, rua Barão de Sabrosa, 91, 1.º.

Sindicato Unico Metalúrgico—Reuniu-se a comissão administrativa resolvendo ceder, para o próximo dia 1, a sala para benefício de um camarada doente. Foi também apreciada a oferta do actual possuidor da «Enciclopédia de aplicações», resolvendo-se que o sindicato assinasse a referida obra para instrução de seus associados.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Marítimos da Foz do Douro.—Reuniu-se a assembleia geral, e tendo apreciado o facto dos delegados da Federação Marítima terem afirmado que a direcção não tinha poderes para representar a classe tendo dito que não reconhecia Joaquim do Carmo Moreira da Costa como marítimo, aprovaram uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Ratificar os plenos poderes, que tinham dado à direcção.

2.º Aprovar todos os trabalhos feitos pela direcção, ou aprovados pela mesma.

3.º Reconhecer a U. T. M. T., como única representante dos sindicatos marítimos do norte, pois que defende os objectivos da C. G. T. e A. I. T.

4.º Nomear os camaradas: Joaquim do Carmo Moreira da Costa e José Pereira, como delegados à U. T. M. F.

5.º Censurar o procedimento do camarada Manuel Gomes de Matos, pela sua atitude de acanhamento, perante os delegados da F. M.

6.º Reconhecer o camarada Joaquim C. M. da Costa, como marítimo e verdadeiro representante desta classe.

7.º Saludar, todos os organismos, que formam a U. T. M. F., pelo seu gesto de rebeldia consciente.

Apreciado um officio da Federação Marítima, datado de 22 do corrente, de cujo conteúdo a assembleia discorda, resolveu-se não responder.

Acaba de ser posto à venda: As três Internacionais

Amsterdã—Moscóvia—Berlim

Por SCHAPIRO

Interessante estudo, devidamente documentado, sobre a questão das Internacionais Sindicais dividido pelos seguintes capítulos:

I—Introdução. II—O despertar operário nas vésperas da guerra. III—O grande silêncio. IV—A esperança na revolução russa. V—As bifurcações sindicais. VI—Os princípios das Internacionais. A Federação Sindical Internacional. A Internacional Sindical Vermelha. A Associação Internacional dos Trabalhadores. VII—Influências políticas. VIII—Fusionismo e confusãoismo. A bandeira da I Internacional.

1 folheto de 36 páginas com uma elegante capa, 1\$00; pelo correio, 1\$20.

Pedidos à administração de A Batalha.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

## Vida Sindical

Profissionais da Imprensa—Consequiu, por intermédio do sócio Belo Redondo, mais duas importantes regalias para os seus associados: o sr. António Martins Coelho, proprietário da «Pensão Fonseca», de Gouveia, resolveu conceder o desconto de 20 % em todas as despesas feitas na sua casa aos profissionais da imprensa que se apresentem munidos do respectivo bilhete de identidade, fazendo também igual concessão o sr. Arnaldo Hortas, proprietário da «garagem» Hortas, da mesma vila.

Comissão Mista P. O. S. do Alto do Pina—Reuniu-se, tendo resolvido realizar duas sessões na próxima semana, sendo a primeira na terça-feira, na qual será apreciada a situação dos deportados, e a segunda na sexta-feira, de propaganda sindical. Estas sessões realizam-se na secção da C. Civil, rua Barão de Sabrosa, 91, 1.º.

Sindicato